

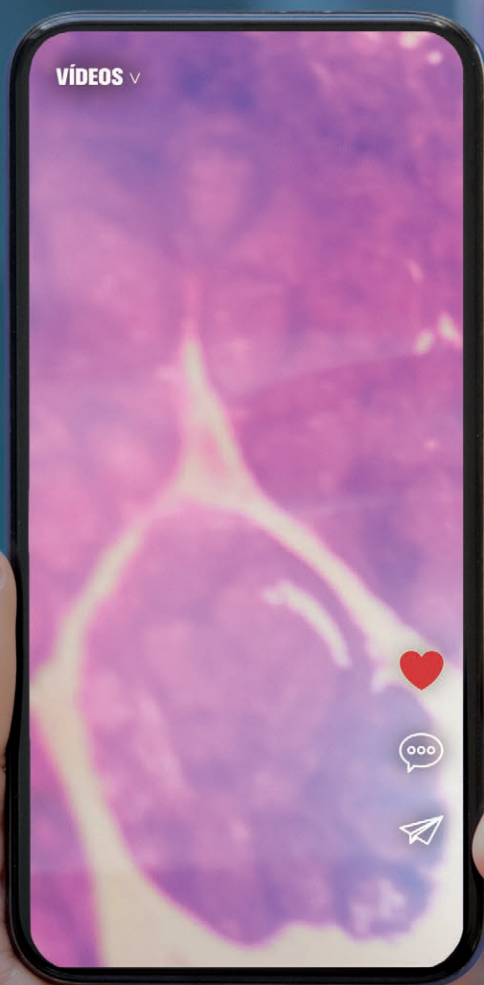


Sociedade
Brasileira de
PATOLOGIA

O PATOLOGISTA

Uma publicação trimestral da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) ISSN 1807-1740 Edição ABR/MAI/JUN 2025

160



Das lâminas para o feed

Entre vídeos, ilustrações, posts criativos e bastidores do laboratório, médicas patologistas usam as redes sociais para descomplicar a patologia e aproximar o público, cada vez mais, da especialidade

PÁG. 08

Pingue-pongue

Dr. Bruno Dornelas fala sobre o prêmio recebido da USCAP

PÁG. 10

Anatomia do Patologista

Conheça a trajetória inspiradora da Profa. Maria Cláudia Zerbini

PÁG. 12

Cobertura

Salas lotadas no SBP na Estrada Especialidades em Fortaleza e Recife

Nesta Edição

04

Capa

Patologistas descomplicam a área nas redes sociais

08

Pingue-pongue

Dr. Bruno Dornelas é o entrevistado dessa edição

10

Anatomia do Patologista

Maria Cláudia Zerbini:
45 anos de ensino e legado

12

Cobertura

SBP na Estrada lota salas e promove troca entre especialistas

14

Giro da SBP

SBP Digital estreia com 200 inscritos em Hematopatologia

Editorial

Olá, pessoal. Nesta edição, celebramos as múltiplas formas de dar visibilidade à patologia, seja nas redes sociais, nos laboratórios ou nos encontros científicos. Na reportagem de capa, tenho o prazer de dividir espaço com as Dras. Lorena Soares e Karla Kabbach para mostrar como utilizamos nossos perfis nas redes sociais para falar sobre nossa especialidade de maneira simples, criativa e acessível. Em um cenário cada vez mais marcado pela desinformação, comunicar ciência com responsabilidade não é apenas relevante - é um compromisso com a sociedade e um motivo de grande orgulho para todos nós.

Também temos uma conquista inédita para comemorar: o Dr. Bruno Dornelas e a equipe do Centro de Referência Nacional em Hanseníase e Dermatologia Sanitária (CREDESH) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) foram agraciados com o “Dr. L. Clarke, Jr. and Elaine F. Stout Award 2025”, concedido pela USCAP. É a primeira vez que esse prêmio vem para um grupo brasileiro, reconhecendo um estudo sobre hanseníase publicado na BMC Infectious Diseases. Em entrevista, o Dr. Bruno fala sobre a força da pesquisa colaborativa e o papel transformador da patologia no enfrentamento de doenças negligenciadas.

Aproveitem também para conhecer a trajetória inspiradora da Profa. Dra. Maria Cláudia Nogueira Zerbini. Aos 75 anos, ela se despediu da docência na Faculdade de Medicina da USP depois de quase 45 anos dedicados ao ensino e à formação de patologistas. Hoje, aposentada, orienta sua última doutoranda enquanto celebra, como ela mesma diz, “as belezas da vida”. Um perfil que emociona e nos conecta com a essência de uma vida comprometida com a vida e o afeto.

E, por falar em conexões, convido vocês a seguirem os perfis da SBP Qualidade (@sbpqualidade) no Instagram e no LinkedIn. Lá, compartilhamos conteúdos técnicos sobre os programas PACQ, PICQ e PPCQ, além de vídeos com experiências reais e orientações práticas para o dia a dia nos laboratórios. A patologia brasileira pulsa em muitos espaços - das bancadas aos auditórios, das redes sociais aos serviços de saúde. E nós, na SBP, seguimos firmes no propósito de informar, formar e transformar. Boa leitura!



Dra. Gisele Lumy Iguma
Diretora de Comunicação

Expediente

Diretoria Executiva (2025–2026)

Presidente: Raimundo Gerônimo da Silva Júnior (PI)
Vice-Presidente p/ Assuntos Acadêmicos: Marina De Brot (SP)
Vice-Presidente p/ Assuntos Profissionais: Emilio Augusto Pereira de Assis (MG)
Secretário-Geral: Bilal Ramez Bakri (SP)
Secretário Adjunto: Felipe D'Almeida Costa (SP)
Tesoureiro: Pedro Castro Soares (SP)
Tesoureiro Adjunto: Carlos Augusto Moreira Silva (PA)

Departamentos

Científico: Daniel Abensur Athanzio (BA)
Comunicação Social: Gisele Lumy Iguma (MS)
Controle de Qualidade: Larissa Cardoso Marinho (GO)
Defesa Profissional: Carlos Augusto Moreira Silva (PA)
Ensino: Ângela Flávia Logullo Waitzberg (SP)
Especialidades: Igor Campos da Silva (BA)
Informática: Fábio Daniel Molinari (SP)
Relações Internacionais: Luciana Schultz (SP)

Conselho Fiscal

Cleto Dantas Nogueira (CE), Gustavo Ribeiro Falcão (MS) e Ivan Tadeu Rebouças (SP)

Suplente

Jefferson Crespicio (PR)

Conselho Consultivo

Katia Ramos Meira Leite (SP), Fernando Augusto Soares (SP) e Clóvis Klock (RS)

Comissão de Título de Especialista

Daniel Abensur Athanzio (BA), Carlos Thadeu Schmidt Cerski (RS), Christiana de Freitas Vinhas Carvalho (BA), Humberto Carvalho Carneiro (SP), José Cândido Caldeira Xavier Júnior (SP), Ruana Moura Rocha (SP), Tatiane Neotti (PA) e Vitor Ribeiro Paes (SP).

O Patologista

Editora Responsável: Gisele Lumy Iguma
Conselho Editorial: Gisele Lumy Iguma e Raimundo Gerônimo da Silva Júnior
Jornalista Responsável: Roberto Souza (Mtb 11.408)
Edição: Madson de Moraes
Reportagem: RS Health
Assessoria de Comunicação: RS Health
Revisão Ortográfica: Joice Costa
Projeto Gráfico: Guilherme de Lima
Diagramação: RS Health
Imagem de capa: Getty Images
Tiragem: 3 mil exemplares
Impressão: Impressograf

Carta do Presidente

Diante da carência de patologistas, um desafio global que também aflige o Brasil, a Sociedade Brasileira de Patologia assume, na nossa gestão, o compromisso de agir com estratégia e propósito. É nesse contexto que nasce o SBP Inspira, um projeto criado para aproximar a patologia dos estudantes de graduação, fortalecendo a formação, despertando vocações e ampliando horizontes.

O SBP Inspira atuará em duas frentes principais: junto aos docentes da disciplina de Patologia e aos estudantes de medicina. Com os professores, a iniciativa busca estreitar a relação com o Fórum de Ensino em Patologia da SBP, promovendo a valorização do ensino e a atualização pedagógica por meio de encontros regionais, fortalecendo a presença da patologia na graduação médica.

Com os estudantes, a aproximação ocorrerá por meio das ligas acadêmicas de patologia, que serão cadastradas e acompanhadas pela SBP. Teremos um sistema de ranqueamento baseado no cumprimento de atividades científicas, além da realização de encontros regionais. As ligas também terão espaço garantido nos eventos científicos da SBP, incluindo o Congresso Brasileiro de Patologia, com conteúdo voltado à graduação.

Outro ponto essencial é que os alunos terão a oportunidade de realizar visitas técnicas e estágios em laboratórios credenciados, vivenciando a prática diagnóstica e se conectando à rotina da especialidade. Para apoiar essas ações, estamos desenvolvendo uma página exclusiva no site da SBP voltada aos estudantes em que estarão reunidas todas as informações sobre o programa, atividades e orientações, além de conteúdos educativos que conectem os alunos à realidade da patologia.

Também atuaremos por políticas de incentivo: defenderemos bolsas de residência médica diferenciadas e a postergação do pagamento do FIES para os que optarem pela Anatomia Patológica.

O pontapé inicial foi dado no Laboratório de Anatomia Patológica e Citopatologia (LAPAC), em Teresina (PI), onde tive a honra de receber alunos de medicina da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Foi um encontro inspirador! Ver o interesse daqueles jovens, seus questionamentos curiosos e sua disposição em aprender sobre a rotina do laboratório, confirmou o que já sabemos: quando damos visibilidade ao nosso trabalho, abrimos possibilidades

Convido todos os associados a se engajarem nessa iniciativa. Abrir nossos laboratórios e compartilhar nossa rotina é mostrar o valor da patologia. Inspirar, mais do que nunca, é isso: aproximar, acolher e transformar.

Dr. Raimundo Gerônimo da Silva Júnior



AGENDA

SBP NA ESTRADA ESPECIALIDADES PROGRAME-SE!

JUNHO

27 e 28/6
Patologia Mamária
Curitiba (PR)

AGOSTO

15 e 16/8
Patologia Mamária
Goiânia (GO)

SETEMBRO

13/9
Patologia
Gastrointestinal
Rio de Janeiro (RJ)

19 e 20/9
Patologia Mamária
Manaus (AM)

NOVEMBRO

29/11
Patologia
Gastrointestinal
Vitória (ES)



Confira todos
os eventos em
nosso site!

<http://www.sbp.org.br/eventos/>

Das lâminas para o feed

Entre vídeos, ilustrações, posts criativos e bastidores do laboratório, médicas patologistas usam as redes sociais para descomplicar a patologia e aproximar o público cada vez mais da especialidade

Entre lâminas, microscópios e laudos, três médicas patologistas encontraram nas redes sociais, especificamente no Instagram, um novo campo de atuação para aproximar ainda mais a patologia do público. Em um momento em que a ciência disputa atenção com fake news e o diagnóstico precoce pode depender da compreensão de um simples termo médico, a presença delas nas redes é mais do que bem-vinda: é necessária. As médicas patologistas Gisele Iguma, Lorena Soares e Karla Kabbach se tornaram referências na criação de conteúdo sobre a patologia nas redes sociais. Com estilos pessoais, compartilham o propósito de traduzir a especialidade, ainda desconhecida por muitos, por meio de conteúdo acessível, didático e bem produzido. São vídeos animados, posts informativos, memes e bastidores do laboratório que revelam a presença de profissionais da patologia atentos, comprometidos e essenciais em cada diagnóstico.



Do laboratório ao feed

A pandemia de Covid-19 foi quando a Dra. Gisele Iguma passou a se dedicar mais ativamente ao Instagram, tanto em seu perfil pessoal (@giseleiguma.patologista) quanto no perfil do seu laboratório. Inicialmente voltado para estudantes de medicina e de outras áreas da saúde, o conteúdo logo passou a atrair um público mais amplo, incluindo pacientes e pessoas interessadas em temas de saúde. “Comecei a perceber o quanto fazia sentido explicar a especialidade para valorizar o trabalho do patologista”, conta a médica, que atua no laboratório LAPAC, em Dourados (MS), e atualmente é coordenadora do Departamento de Comunicação Social da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP).

Além do perfil pessoal, a Dra. Gisele também é responsável pela curadoria de conteúdo do Instagram institucional do @lapacdourados, que reúne mais de 13 mil seguidores e se destaca por traduzir temas complexos da anatomia patológica em uma linguagem acessível. “Usar as redes sociais é também uma forma de cuidado. Traduzir o que fazemos ajuda o paciente a entender o processo e reduz a ansiedade diante de um exame”, afirma.

Enquanto isso, a Dra. Lorena Soares desenhava outro caminho: o da ilustração como ferramenta de ensino. Foi no final de 2023 que ela, natural de Luziânia, interior de Goiás, decidiu usar seus próprios desenhos para criar vídeos animados que explicam desde os fundamentos da patologia até temas mais específicos da prática médica. O primeiro conteúdo que ela postou foi um vídeo sobre como se produz uma lâmina histológica, sendo um sucesso. “Tive uma repercussão incrível e isso me mostrou que essa vontade de tornar a patologia mais acessível era algo compartilhado por

muitos colegas, e também que a especialidade desperta bastante curiosidade nas pessoas fora do meio”, conta. Seu perfil @lorennasoaress, soma mais de 6.350 seguidores.

Já a Dra. Karla Kabbach, professora do Departamento de Patologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP) e de Fisiopatologia Especial na Faculdade de Ciências Médicas de Santos (FCMS), criou o perfil @pathology_tips no Instagram em 2020. Motivada inicialmente pela demanda frequente dos seus alunos da graduação de medicina para saber sobre a rotina do patologista, ela também sentia que a especialidade ainda era pouco compreendida, mesmo entre médicos especialistas. “Além disso, eu queria ajudar a construir uma comunidade que reconhecesse nosso papel no cuidado com o paciente”, acrescenta a médica, que é membro do Departamento de Especialidades da SBP. Atualmente, o seu perfil possui mais de 3.500 seguidores, com foco em educação e valorização da patologia.

Ciência que conecta

Cada uma dessas médicas patologistas tem seu estilo de se comunicar nas redes sociais, mas todas têm algo em comum: o compromisso com informações confiáveis, baseadas nas melhores evidências, para levar informação clara, precisa e acessível ao maior número possível de pessoas. No caso da Dra. Gisele, uma das estratégias mais eficazes é combinar storytelling com dados confiáveis, criando narrativas que informam, envolvem e, muitas vezes, emocionam.

“Gosto de partir de situações reais do cotidiano do paciente como dúvidas sobre laudos, biópsias, exames preventivos, interação em equipes multiprofissionais e até o medo do diagnóstico para apresentar, de forma concreta e compreensível, o papel do patologista. É assim que transformamos uma especialidade pouco visível em algo próximo, humano e essencial. As pessoas se conectam com perfis que despertam



“Comecei a perceber o quanto fazia sentido explicar a especialidade para valorizar o trabalho do patologista”

Dra. Gisele Iguma (@giseleiguma.patologista)

emoção, seja pela empatia, seja pela curiosidade ou pela inspiração”, explica.

Em seu perfil no Instagram, a estratégia da Dra. Loreнна para falar com leigos passa pela simplicidade sem perder a precisão. “Meu objetivo é garantir que qualquer pessoa, independentemente da sua formação, consiga entender o que estou explicando”, diz. As cores roxo e rosa, presentes nos conteúdos publicados por ela no Instagram e no cotidiano do patologista, também ajudam a trazer uma identidade visual única ao seu conteúdo. “Também brinco muito com nossa rotina para que os colegas se identifiquem com meu conteúdo, sempre com explicação didática para que o material se mantenha acessível.”

Traduzindo saberes

Na escolha dos temas, a prioridade é preparar o público com conceitos básicos antes de avançar para assuntos mais complexos. Manter o equilíbrio entre precisão científica e acessibilidade do conteúdo é um desafio constante, por isso, antes de postar cada vídeo em seu perfil, a Dra. Loreнна pesquisa, estuda e consulta colegas de outras áreas para garantir precisão científica. “Se vou falar sobre patologia ginecológica, consulto uma ginecologista. Se o tema envolve divisão celular, eu converso com um biólogo”, comenta. Essa dedicação se reflete na receptividade dos seguidores e no

SBP lançará manual para orientar comunicação dos patologistas nas redes sociais

A SBP irá lançar neste ano um manual prático para orientar os patologistas no uso responsável das redes sociais. O material reunirá diretrizes éticas, exemplos de boas práticas e embasamento jurídico conforme as normas do Conselho Federal de Medicina (CFM). O objetivo é apoiar tanto iniciantes quanto profissionais experientes na missão de comunicar com responsabilidade, ampliar a visibilidade da especialidade e fortalecer sua imagem pública. O conteúdo será construído de forma colaborativa, envolvendo especialistas em comunicação médica e patologistas já atuantes nas redes.



“Redes sociais bem utilizadas amplificam nosso protagonismo na medicina”

Dra. Karla Kabbach (@pathology_tips)

engajamento crescente com os vídeos animados. “A chave é simplificar sem perder a precisão. Os elementos visuais ajudam muito nisso”, acrescenta a patologista.

Já a Dra. Karla organiza seu perfil com foco em perguntas diretas e dúvidas comuns da prática médica como, por exemplo, “Como é feito o exame de congelação intraoperatória?”, “O que acontece dentro de um laboratório de anatomia patológica?” ou “Como é feito um laudo anatomopatológico?”. “Os formatos que utilizo no Instagram são os stories interativos com enquetes e quizzes sobre casos ou situações reais da rotina, que possuem ótimo alcance e estimulam a participação dos seguidores, assim como vídeos curtos sobre temas diversos de patologia geral, ambos muito procurados por estudantes e residentes”, diz Karla.

Para a produção dos conteúdos, a Dra. Karla utiliza fontes bibliográficas confiáveis, como os livros da Organização Mundial da Saúde (OMS), protocolos do Colégio Americano de Patologistas (CAP) e artigos de revistas científicas de alto impacto da nossa especialidade com foco nas suas áreas de interesse. “Elaboro resumos com conceitos gerais, flashcards, fotos de lâminas ou de macroscopia com legendas e utilizo tabelas de artigos, sempre com o cuidado de manter o rigor técnico”, detalha.

Engajamento dos seguidores

Mais do que números ou curtidas, o engajamento nas redes passa por algo mais profundo: a conexão emocional. A Dra.

Gisele sente que seu trabalho nas redes sociais tem ajudado a desmistificar o trabalho do patologista a partir das mensagens positivas que recebe. “São pacientes que perderam o medo de um exame, médicos que passaram a valorizar mais a patologia, famílias que entenderam o diagnóstico. Isso mostra que comunicar é também uma forma de cuidar”, observa. No caso da Dra. Karla, o mais valioso nas redes sociais é a possibilidade de manter um canal direto e acessível para estudantes, residentes e colegas médicos. Embora nem sempre o feed seja atualizado com conteúdos mais complexos, os stories servem como um espaço dinâmico de trocas.

“Consigo contribuir mesmo quando posto apenas fotos do momento em que estou em uma congelação intraoperatória, com as minhas tarefas do dia ou com um artigo científico que escolhi para estudar”, conta. O retorno que Karla recebe dos seguidores mostra que seu trabalho como criadora de conteúdo nas redes tem sido bem acolhido. “Recebo frequentemente mensagens de estudantes e colegas afirmando que passaram a compreender melhor o papel do patologista ou a considerar a especialidade como opção de carreira. Também percebo que médicos de outras áreas estão valorizando mais nosso trabalho e buscando uma comunicação mais integrada com o patologista. Isso mostra que o conteúdo nas redes sociais pode, sim, ser um agente transformador”, afirma.

Graças ao trabalho de divulgação que faz, a Dra. Lorena recebe muitos feedbacks de colegas patologistas dizendo que usam seu material para explicar o próprio



“Conheça o seu público, pesquise outros perfis que abordem o assunto e inspire-se!”

Dra. Lorena Soares (@lorennasoaress)

trabalho para familiares e amigos. “Hoje minha família toda entende o que é o meu trabalho mesmo que quase ninguém atue na área da saúde”, brinca a médica. “Também já recebi mensagens de médicos de outras áreas, comentando sobre como desconheciam os nossos procedimentos, e de acadêmicos de medicina, dizendo que decidiram conhecer melhor a patologia depois de ver meu conteúdo. O público que me segue e interage comigo vai bem além da área da saúde: tem advogados, empresários, programadores, lojistas, todos interessados em aprender mais sobre nossa especialidade.”

Ocupem as redes sociais

Para as três, mais patologistas precisam ocupar as redes sociais com conteúdos qualificados. A visibilidade da especialidade ainda é baixa, e isso impacta desde a escolha de carreira dos estudantes até o reconhecimento do papel da especialidade dentro das equipes multidisciplinares. Para quem quer começar, os conselhos delas são práticos. Falar sobre temas que já domina, manter um foco claro no conteúdo, respeitar a ética profissional e ouvir o público são pontos de partida essenciais. “Conheça o seu público, pesquise outros perfis que abordem o assunto e inspire-se! A patologia ficou nos bastidores por muito tempo, mas ela tem muito a oferecer, e as pessoas estão interessadas em saber mais sobre ela”, recomenda a Dra. Lorena.

Já a dica da Dra. Karla é começar a criar conteúdos com temas básicos da nossa especialidade e aqueles que você domina dentro da sua área de interesse, como técnica histológica, aplicabilidade de colorações específicas, diagnósticos comuns ou desafios diagnósticos. Mostrar como o patologista pensa, investiga e decide o diagnóstico aproxima o público e fortalece a percepção da importância da especialidade. “Valorizem a ciência, citem fontes confiáveis e respeitem os limites impostos pela confidencialidade médica. Redes sociais bem utilizadas amplificam nosso protagonismo na medicina”, reforça. A Dra. Gisele acrescenta que as redes sociais não são um palco para vaidades, mas uma arena de construção coletiva de conhecimento. “Comece mesmo que seja uma pessoa tímida e tenha dúvidas. Fale sobre o que você conhece, compartilhe sua vivência, usando a ética como guia e a escuta como aliada. Os resultados não aparecem da noite para o dia, mas, com consistência, eles vêm e mostram que cada esforço valeu a pena”, recomenda Gisele.

“Na patologia, é preciso investigar, questionar, revisar”

Médico patologista da Universidade Federal de Uberlândia, o Dr. Bruno Dornelas fala sobre o prêmio recebido esse ano da USCAP por seu estudo inovador em hanseníase

Natural de João Pinheiro (MG), o patologista e citopatologista Dr. Bruno de Carvalho Dornelas, do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), recebeu com sua equipe do Centro de Referência Nacional em Hanseníase e Dermatologia Sanitária (CREDESH) o Prêmio Dr. L. Clarke, Jr. and Elaine F. Stout Award 2025, concedido pela United States and Canadian Academy of Pathology (USCAP). O reconhecimento veio pelo artigo “Role of histopathological, serological and molecular findings for the early diagnosis of treatment failure in leprosy”, publicado em 2024 na BMC Infectious Diseases. O estudo destaca fatores que ajudam a prever falência no tratamento da hanseníase e ressalta a relevância da patologia no avanço no tratamento de doenças. Na entrevista a seguir, o Dr. Bruno ressalta a importância desse prêmio e oferece alguns conselhos para estudantes ou residentes que têm interesse em produzir ciência. Confira!

O que o prêmio da USCAP representou para você e para a pesquisa brasileira?

Receber o Prêmio Dr. L. Clarke, Jr. e Elaine F. Stout da USCAP foi uma grande alegria e um reconhecimento do trabalho do nosso grupo de pesquisas em Doenças Negligenciadas/Hanseníase. É uma validação do esforço coletivo e um impulso para seguir produzindo ciência de qualidade. Para a pesquisa brasileira, reforça nossa relevância no cenário internacional apesar dos desafios. A repercussão foi muito positiva, ampliando a visibilidade do nosso trabalho e destacando o papel da patologia no diagnóstico precoce e cuidado com pacientes. É uma conquista que nos impulsiona a seguir em frente e a fazer a diferença.

“A repercussão foi muito positiva, ampliando a visibilidade do nosso trabalho e destacando o papel da patologia no diagnóstico precoce e cuidado com pacientes”



Registro do Dr. Bruno durante a cerimônia de premiação da USCAP

Desde quando você começou a pesquisar sobre a hanseníase?

Comecei a trabalhar com biópsias de hanseníase em 2012, o que influenciou muito minha carreira e compromisso com essa doença negligenciada. Um momento marcante foi em 2017 quando trouxemos para Uberlândia, onde moro, o Curso de Patologia da Hanseníase com apoio da SBP, fortalecendo nosso conhecimento técnico e humano. Valorizo muito iniciativas como SBP na Estrada e Simpósio Itinerante da SBC, que levam atualização e conexão ao interior do país.

Por que esse estudo é inovador?

Por buscar marcadores de falência terapêutica logo após o primeiro tratamento, antes dos sinais clínicos se manifestarem. A novidade está na combinação de três métodos — histopatológico, sorológico e molecular — para prever quais pacientes têm maior chance de falência terapêutica. Identificamos que a presença de infiltrado neural/perineural, índice baciloscópio $\geq 3+$ e anti-PGL-I $\geq 3,95$ elevam a chance de falência para mais de 95%. Isso permite intervenções mais precoces, personalizadas e eficazes na hanseníase, ajudando a evitar sequelas mais graves, reduzir o estigma e melhorar a eficiência dos tratamentos.

Como foi conduzir esse estudo e os desafios até sua publicação?

Foi um grande desafio. O trabalho se estendeu por cerca de cinco anos, de 2018 a 2023. A pandemia da Covid-19 provocou atrasos e demandou várias adaptações. Além disso, a falta de tempo protegido para a pesquisa, problema frequente no Brasil, dificultou o progresso. A colaboração foi fundamental: contei com o apoio de alunos de graduação, técnicos de laboratório, colegas patologistas como o Dr. Cleverson Teixeira e a orientação da hansenologista, a Profa. Dra. Isabela Goulart. O suporte de agências de fomento e do programa de pós-graduação foi essencial para viabilizar a pesquisa e sua publicação.

Quais os próximos passos?

Os próximos passos são validar nossos achados em um estudo prospectivo com mais pacientes para confirmar se os marcadores identificados — infiltração neural, granulomas espumosos e altos índices baciloscópicos — indicam maior chance de falência terapêutica. Queremos ampliar parcerias com centros no Brasil e no exterior para fortalecer os dados. Nosso objetivo é transformar esses marcadores em

ferramentas práticas nos laudos de biópsia, auxiliando médicos a identificar pacientes que precisam de acompanhamento mais rigoroso. Assim, buscamos melhorar o cuidado, prevenir falências no tratamento e elevar a qualidade de vida dos pacientes com hanseníase.

E por que decidiu se envolver pela pesquisa científica?

Nasceu da curiosidade em entender o “como” por trás das doenças, que logo virou necessidade. Na patologia, percebi que não basta aplicar conhecimentos já existentes; é preciso investigar, questionar, revisar. Sempre ouvi na residência: “Se você vai participar de um congresso, tem que levar algo para apresentar, contribuir de verdade.” Também me ensinaram que é obrigação do patologista relatar os casos incomuns porque são essas observações que enriquecem o conhecimento e ajudam a comunidade científica a avançar. Entendi a responsabilidade ética de compartilhar descobertas, especialmente em doenças negligenciadas como a hanseníase. Publicar, apresentar, discutir, tudo isso é parte do processo. A ciência é um esforço coletivo e essa troca é o que move o avanço da medicina. Assim, a pesquisa virou compromisso, uma forma de contribuir para a medicina e beneficiar pacientes.

Qual conselho você daria para estudantes ou residentes que têm curiosidade pela pesquisa, mas ainda não se sentem confiantes para começar?

Meu conselho é começar com experiências práticas e guiadas, como o trabalho de conclusão de residência médica (TCRM). Mesmo um projeto simples já conecta você com a lógica da pesquisa e com problemas do dia a dia. Busque apoio de orientadores: alguém experiente pode ajudar a formular boas perguntas, revisar um resumo ou orientar um artigo. Não é preciso fazer tudo sozinho. Participar de grupos de pesquisa também traz segurança e troca. E nunca se esqueça do nosso lugar na medicina: o patologista é o detentor do material biológico e da integração entre morfologia e clínica. Isso é potente. Comece pequeno, vá com constância e a confiança virá com o tempo.



Acesse o estudo premiado!

<https://bmcinfectdis.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12879-024-09937-2>

Movida pela dúvida, guiada pelo saber

Em quase 45 anos, **Maria Cláudia Zerbini** ensinou gerações de patologistas, atuou em vários campos da especialidade e hoje, aposentada, aproveita as belezas da vida



Divulgação

Aos 75 anos, a médica Maria Cláudia Zerbini carrega quase 45 anos de dedicação à medicina, em especial ao ensino da patologia. Nascida e criada no bairro de Santana, zona norte de São Paulo, descobriu ainda adolescente a paixão pelas ciências biológicas, paixão que, com o tempo, se transformou em vocação para o diagnóstico e para a docência. No início da sua graduação na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1969, a influência do Prof. Thales de Brito foi decisiva por seu exemplo de dedicação à pesquisa e ao ensino, formando várias gerações de médicos, especialmente, patologistas. Ele faleceu em 2020 aos 95 anos.

“Com ele aprendi a arte da observação cuidadosa, a inspiração para a pesquisa a partir dos casos da rotina diagnóstica e a beleza da docência, sempre disposto a ensinar, aprendendo com os jovens alunos e residentes”, conta a professora. O ingresso na Faculdade de Medicina da USP marcou sua vida por outra razão: além de se firmar academicamente, ela conheceu o marido Cristiano, seu companheiro até hoje.

Carreira plural como patologista

A trajetória da Profa. Maria Cláudia na área foi marcada por uma atuação diversa e multifacetada. Nos primeiros anos da carreira, se dedicou intensamente à patologia pediátrica, com especial interesse também pelas áreas perinatal, hepática, gastrointestinal e oncológica. “Fiz um grande investimento, cursando a residência em pediatria antes da de patologia, e

procurando complementar a minha formação com estágios em outros serviços, já que a especialidade era praticamente inexistente no estado de São Paulo. Meu doutorado e pós-doutorado foram em patologia pediátrica”, conta a professora.

Na época, ela trabalhou por um longo período com cirurgia infantil na patologia dos tumores, das pseudo-obstruções intestinais, das colestases neonatais e doenças do fígado e vias biliares na infância, integrando um grupo de transplantes de fígado. “Compartilhava com o Prof. Thales a ideia de que o patologista deveria estar dentro do Hospital e isso era crucial para a patologia pediátrica”, afirma. Mas mudanças estruturais no Hospital das Clínicas (HC) da USP impediram que o serviço de patologia pediátrica fosse efetivamente estruturado. Depois ela foi para o Instituto Central do HC onde fazia patologia cirúrgica geral e, pelas necessidades do serviço na época, se dedicou por um período ao estudo do pâncreas e vias biliares e da patologia endócrina.

Pós-doc nos Estados Unidos

Paralelamente à docência na FMUSP, Maria Cláudia atuou por uma década como diretora do Serviço de Patologia do Hospital Universitário da USP, onde enfrentou o desafio de modernizar o serviço. Também trabalhou 15 anos no Laboratório Fleury, em São Paulo, onde ampliou seu conhecimento prático na hematopatologia, integrando exames de biópsia com citometria de fluxo, biologia molecular e outros métodos

diagnósticos. Foi durante o pós-doutorado na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que ela entrou em contato com tecnologias inovadoras na época, como a análise de imagens e a citometria de fluxo, aplicadas a tumores sólidos pediátricos e doenças hematológicas.

Na volta ao Brasil, sua primeira orientação foi aplicar essas técnicas no estudo de nódulos cirróticos em fígados humanos explantados, mas ela não obteve permissão para utilizar o único aparelho de citometria de fluxo disponível no HC na época, que ficava no Banco de Sangue. “Foi quando procurei o Dr. Paulo Leser, chefe da Hematologia do Laboratório Fleury, que me concedeu um horário e uma técnica experiente para trabalhar com a minha aluna todas as tardes. Foi assim que novas portas se abriram para mim e aos poucos fui migrando para a hematopatologia, que me encantava pela diversidade e complexidade do sistema imune e hematológico e suas doenças. Desde então, a hematopatologia e a patologia adrenal passaram a ocupar o centro de sua atuação, até sua despedida da medicina. “Ela acontecerá quando eu encerrar minha última orientação de doutorado este ano”, afirma.

Outras belezas da vida

Depois de décadas dedicadas ao ensino e à pesquisa, Maria Cláudia decidiu se aposentar da docência aos 70 anos. Era hora de descobrir outras belezas da vida. “Entre essas belezas está minha convivência com meus seis netos, com toda a disponibilidade que não tive com meus filhos. É indescritível o quanto as crianças têm a nos oferecer se tivermos coração e mentes abertos para eles”, diz. Com mais tempo livre para escrever, ela participou de alguns capítulos nas últimas edições da WHO de Hematopatologia e de Patologia Pediátrica. Trabalhou também em uma recomendação para os laudos histopatológicos de tumores do córtex adrenal da International Collaboration on Cancer Reporting (ICCR), que deve ser publicado em breve. “Quem vive a medicina com corpo e alma, nunca deixa de se interessar por ela, pois ela passa a fazer parte de nós mesmos. Frequentemente discuto com o meu marido na hora do jantar os casos interessantes que ele vê no consultório. É muito prazeroso”, conta a professora.

E seu conselho para os jovens médicos? “Esteja certo de que você tem prazer em exercer essa especialidade, um tanto solitária e distante do paciente. Financeiramente é uma especialidade atrativa, com bom início de carreira. Invista em sua formação, faça uma boa residência e se envolva profundamente com os seus casos. Estude, aceite os desafios, reclame menos e trabalhe mais. Ao escolher uma especialidade, considere aquela que te desperta interesse, mas também que possibilite uma viabilidade financeira. E seja feliz quando sair pela manhã para trabalhar e quando voltar à noite para encontrar a sua família! Acho que essa é a verdadeira felicidade”, completa.

Divulgação



Homenagem de alunos, professores e funcionários da FMUSP à professora que se aposentou após 44 anos

Problemas com Cristais de Gelo NAS AMOSTRAS DE CONGELAÇÃO?



-  **Elimina artefatos de congelação**
-  **Permite uma superfície totalmente plana para o corte**
-  **Reduz o tempo de preparo da amostra**
-  **Facilita a operação com uma interface intuitiva e customizável**
-  **Compatível com vários tamanhos/tipos de suporte de amostras (chucks)**

PRESTOCHILL
SISTEMA DE PREPARAÇÃO
DE AMOSTRAS DE CONGELAÇÃO



SE QUISER CONHECER MAIS,
ENTRE EM CONTATO
E-mail: Inopat@inopat.com.br
Tel.: +55 11 3865-0042



Na bagagem, Patologia

Com salas lotadas em Fortaleza e Recife, projeto SBP na Estrada Especialidades reforça educação continuada e promove troca entre especialistas

Duas cidades, duas especialidades e salas cheias de médicos ávidos por atualização profissional. Assim foram as edições mais recentes do SBP na Estrada Especialidades, projeto itinerante da SBP que tem o objetivo de ampliar o acesso à atualização científica de qualidade e valorizar a troca entre especialistas.

No dia 26 de abril, Fortaleza (CE) recebeu o SBP na Estrada Especialidades - Patologia Gastrointestinal, com oito horas de

conteúdo no Hotel Luzeiros. Cerca de 50 inscritos, entre residentes e especialistas, acompanharam palestras, discussões de casos clínicos e sessões de perguntas e respostas. Para o patologista Moreno Braga, o encontro foi direto ao ponto. “Tivemos excelentes atualizações para nosso dia a dia como patologistas. Um evento prático, objetivo e enriquecedor”, disse. A Dra. Lidiane Gomes, que integra o Departamento de Especialidades da SBP e foi uma das palestrantes, destacou o clima de acolhimento e troca. “Foi uma troca fenomenal de



Fortaleza (CE)



Recife (PE)

Divulgação

TargetWeb

Seu sistema atual acompanha sua experiência... ou atrasa seu trabalho?

Conheça o TargetWeb, uma solução inovadora, 100% Web! Suporte imediato, customizável, fácil, intuitivo e com segurança de ponta.

AGENDE UMA DEMONSTRAÇÃO!

📞 47 98832 1598

Saiba mais!



TGW
Tecnologia em Gestão

experiências, além de uma oportunidade de fazer networking. Vale muito a pena”, destacou.

Já nos dias 23 e 24 de maio, foi a vez de Recife (PE) receber o SBP na Estrada, desta vez focado em patologia mamária e que reuniu patologistas, mastologistas e radiologistas em dois dias de programação intensa no Radisson Hotel. As atividades priorizaram o olhar multidisciplinar no diagnóstico das doenças mamárias, com palestras sobre protocolos atualizados para câncer de mama, laudos padronizados, avanços em marcadores imuno-histoquímicos e terapias-alvo. “As sessões com perguntas e respostas tornaram o encontro, que reuniu mais de 50 inscritos, mais dinâmico e interativo. O evento reforça o compromisso da SBP com a educação continuada e a descentralização do conhecimento, aproximando a Sociedade dos profissionais de todas as regiões”, pontuou a Dra. Juliana Arôxa, assessora das Ligas Acadêmicas da SBP, que marcou presença no evento.

Mais do que ouvir, os participantes puderam interagir. Casos clínicos foram debatidos com os especialistas e o público pôde tirar dúvidas diretamente com os palestrantes. Para o Dr. João Carlos de Melo Araújo, do Centro de Patologia de Maceió (AL), esse contato é o grande diferencial do projeto. “Quando você tem a oportunidade de conversar com líderes da patologia, principalmente quem trabalha longe dos grandes centros, eventos assim nos aproximam do que há de mais recente na especialidade. Foi fantástico”, afirmou ao *O Patologista*.

O SBP na Estrada Especialidades, módulo Patologia Mamária, teve o apoio da:

AstraZeneca

5 motivos para participar do SBP na Estrada Especialidades



Corpo docente qualificado

Aulas ministradas por alguns dos principais especialistas e pesquisadores do país, com a presença de palestrantes de instituições de referência nacional.



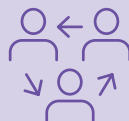
Conteúdo atualizado

A programação contempla os avanços mais recentes da área, sempre ancorada nas melhores evidências científicas disponíveis.



Aperfeiçoamento profissional e científico

Uma oportunidade valiosa para atualizar conhecimentos, aprofundar práticas e fortalecer a atuação profissional.



Interação e trocas

Sessões de perguntas e respostas promovem maior dinamismo, permitindo a troca direta entre participantes e especialistas.



Networking premium

O evento favorece o encontro com colegas, pesquisadores e lideranças da especialidade, promovendo trocas e conexões relevantes.

Leve seu laboratório para um novo nível de precisão e tecnologia com os lançamentos

Consulte-nos para mais informações!

f i in lupetec.com.br

Corador e Montador de Lâminas

Criostato de bancada

Lupetec
Tecnologia Aplicada à Vida





GIRO DA SBP

Primeira edição do SBP Digital contou com mais de 200 inscritos

Novo programa de educação continuada da SBP, a primeira edição do SBP Digital, módulo Hematopatologia, aconteceu em maio e foi um sucesso de público. Foram realizadas quatro aulas online com oito horas de duração no total, com o curso prático contando com mais de 200 inscritos entre patologistas, residentes de patologia e oncologistas clínicos e cirurgiões. Com aulas práticas e baseadas em casos com lâminas escaneadas, o curso foi dividido em aulas sobre avaliação de medula óssea (neoplasias mieloproliferativas, progressão medular e falência medular) e avaliação de doenças linfoproliferativas nodais (linfomas de Hodgkin, difusos de grandes células B, de pequenas células e com diferenciação plasmoblástica). “A primeira edição foi um sucesso! Tivemos um retorno positivo dos participantes,

que destacaram pontos como a objetividade das aulas e a relevância dos casos apresentados. A hematopatologia foi a pioneira do projeto e, como tal, passamos a ser espelho para os demais módulos futuros”, celebra o Dr. Carlos Augusto Moreira Silva, coordenador-geral do programa SBP Digital.

O SBP Digital, módulo Hematopatologia
realizado em maio, teve o apoio da:



SBP participa do 3º Congresso de Acreditação e Qualidade em Medicina Diagnóstica

A SBP marcou presença no 3º Congresso de Acreditação e Qualidade em Medicina Diagnóstica, realizado no dia 20 de maio, durante a Feira Hospitalar, no São Paulo Expo, na capital paulista. O evento, único no mundo voltado exclusivamente para acreditação em serviços de medicina diagnóstica, reuniu profissionais de diversas áreas para um dia de intensas trocas de experiências, aprendizado e debates sobre os desafios e avanços do setor. Representando a SBP, a Dra. Larissa Cardoso Marinho, diretora do Departamento de Qualidade e coordenadora do Programa de Acreditação e Controle da Qualidade (PACQ), participou como palestrante e apresentou as diretrizes para acreditação do PACQ e sua aplicabilidade nos laboratórios de anatomia patológica. O evento foi fruto da parceria entre o Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR), a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial (SBPC/ML), a SBP e a Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica (ABRAMED).

Vagas esgotadas para o 1º Curso de Patologia Digital e Computacional da SBP

Com todas as vagas preenchidas, o 1º Curso de Patologia Digital e Computacional da SBP será de 19 de agosto a 14 de outubro. Totalmente online e com duração de oito semanas, a formação combina aulas gravadas, sessões ao vivo e atividades práticas. Participantes terão a oportunidade de analisar lâminas digitalizadas ao lado de especialistas brasileiros, que apresentarão o passo a passo na resolução de casos complexos com o uso de ferramentas digitais. Um dos destaques da programação é a aula do norte-americano Liron Pantanowitz, pioneiro na área, sobre “Introdução à patologia computacional e digital: definições, aplicações e carreiras emergentes”. Outro tema relevante, “Ética e aspectos legais da IA na patologia”, será abordado em aula gravada por Emma Furth, professora de Patologia e Medicina Laboratorial do Hospital da Universidade da Pensilvânia.

Excelência na **coleta**, segurança na **preservação** e confiabilidade no **transporte** de amostras biológicas



SOLUÇÃO CELLPRESERV

- **Preserva a morfologia celular** por até seis semanas em temperatura ambiente.
- Disponível nas versões:

1mL

18mL

1 Litro

CellPreserv
kolplast



DISPOSITIVO DE AUTOCOLETA COARI

- Simples e Seguro para a autocoleta de **amostras ginecológicas**.

Coari
kolplast



KOLPLAGENE

- Preserva o DNA em temperatura ambiente **por até 30 dias**.
- Ideal para **testes genéticos**.

KOLPLAGENE
kolplast

Fale conosco e saiba mais!

+55 11 4961.0900

vendas@kolplast.com.br

www.kolplast.com.br

GRUPO kolplast

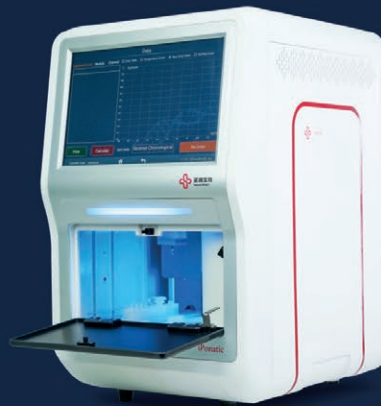
SOLUÇÃO DIAGNÓSTICA COMPLETA

Uma única coleta, múltiplas possibilidades



GynoPrep®

Processor GP-100
Citologia em Meio Líquido



Sansure®

iPonatic II Biologia
Molecular PoCT

Painéis Moleculares do iPonatic II:

HPV 13+2 Genótipos de Alto Risco

Identificação dos subtipos: 16 e 18.
Detecção em grupo dos subtipos: 31, 44, 35, 39, 45, 51, 52, 53, 56, 58, 59, 66 e 68.

HPV 15 Genótipos de Alto Risco

subtipos: 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 51, 52, 53, 56, 58, 59, 66, 68

HPV 2 Genótipos de Alto Risco

Identificação dos subtipos: 16 + 18

IST CT/UU/NG

Identificação de *Chlamydia trachomatis*,
Ureaplasma urealyticum e *Neisseria gonorrhoeae*

Chlamydia trachomatis

SARS-CoV-2

Painel Respiratório 3 Patógenos

Identificação de SARS-CoV-2 E Vírus Influenza A/B

Painel Respiratório 6 Patógenos

Identificação de Vírus da Influenza A/B,
Vírus Sincicial respiratório, Adenovírus,
Rinovírus Humano e *Mycoplasma pneumoniae*

Herpes simplex tipo 2

Citomegalovírus humano (HCMV)

Mycobacterium tuberculosis (TB)

Streptococcus do Grupo B



Acesse o catálogo

☎ 47 3183-8200

🌐 grupostra.com.br

✉ contato@grupostra.com.br

📱 grupo_stra f grupostra

uma marca



GrupoStra®
Saúde e Bem-Estar